

# IMPLICAÇÕES DA PERDA DA VISÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO DA LEITURA E ESCRITA BRAILLE

## *THE IMPLICATIONS OF VISION LOSS FOR THE BRAILLE LITERACY TEACHING PROCESS*

Fátima Aparecida Gonçalves MENDES<sup>1</sup>  
Maria Inês Bacellar MONTEIRO<sup>2</sup>

Agradecimentos: Auxílio FAPESP processo: 2013/08991-6; Bolsa CAPES/PROSUP

**RESUMO:** Este estudo teve por objetivo discutir a cegueira adquirida e suas consequências no processo de ensino da leitura e escrita braille. Fundamentou-se na perspectiva histórico-cultural de Vigotski, que destaca a importância das relações sociais para a formação pessoal de cada um e em seus textos sobre a constituição e desenvolvimento de pessoas cegas. Levantaram-se depoimentos orais de sujeitos cegos a fim de conhecer suas histórias e avaliações sobre os próprios sentimentos e ações com relação ao processo de perda visual e aprendizagem do braille. O estudo foi constituído por análise de depoimentos de doze cegos, com idades entre 15 e 67 anos. Os depoimentos foram todos gravados e transcritos. O objetivo era conhecer as histórias, sentimentos e ações dos cegos com relação ao processo de perda visual e ao braille. Foram consideradas as percepções que os sujeitos com cegueira adquirida tinham sobre o braille e as autopercepções consolidadas pelos outros, reveladas nos depoimentos dos cegos. Isto permitiu definir dois eixos de análise: 1) a perda de visão – lutar quando tudo parece adverso; 2) aprender braille – difícil para uns, menos difícil para outros, fácil para ninguém. Os depoimentos mostraram a necessidade de pensar a educação de pessoas com cegueira adquirida, pois a dor da perda e a aceitação podem representar um processo longo, que interfere na aprendizagem da leitura e escrita braille. Este aprendizado foi um desafio para muitos dos entrevistados, que o consideraram difícil. Porém, conforme o aprendizado aconteceu, perceberam que aprender algo que se pensou impossível pode ser gratificante.

**PALAVRAS-CHAVE:** braille; leitura e escrita; cegueira adquirida.

**ABSTRACT:** This study aimed at discussing acquired blindness and its consequences on the teaching of Braille literacy. It was based on Vygotsky's cultural-historical perspective, which highlights the importance of social relationships for the personal education of every individual and on Vygotsky's writings on the raising and development of blind people. The study collected oral testimonies of blind subjects in order to know their stories and their assessment of their own feelings and actions with respect to their visual loss process and learning Braille. The study consisted of the assessment of the statements of twelve blind subjects, aged 15 to 67 years old. The interviews were all recorded and transcribed. The objective was to know the subjects' stories, feelings, and actions regarding the visual loss process and Braille. The study considered the perceptions of subjects with acquired blindness regarding Braille and self-perceptions consolidated by others, revealed in the testimonies of blind people. This allowed the establishment of two axes of analysis: 1) vision loss – fighting when everything seems adverse; 2) learning Braille – difficult for some, less difficult for others, easy for no one. The testimonies showed the need to think the education of persons with acquired blindness because the pain caused by the loss and acceptance may be a long process that interferes with learning braille literacy. But as learning evolved, they realized that learning something you once thought to be impossible could be rewarding. This learning was a challenge for many respondents, who considered it difficult.

**KEYWORDS:** Braille; literacy; acquired blindness.

1 Pedagoga da Faculdade de Ciências Médicas - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

## INTRODUÇÃO

Este estudo teve por objetivo discutir a cegueira adquirida e suas consequências no processo de ensino da leitura e escrita braille. A relevância do tema está nas peculiaridades educacionais e no número reduzido de estudos que enfocam o ensino do braille para este grupo. Este fato, aliado ao grave problema social da falta de prevenção da perda visual e de uma maior atenção às consequências sociais desta perda, indica o compromisso que deve haver, tanto no campo científico como no campo das políticas públicas, com o aprofundamento da pesquisa sobre cegos e, mais especificamente, sobre a cegueira adquirida.

O estudo fundamenta-se na perspectiva histórico-cultural de Vigotski<sup>3</sup>, que, em seus textos sobre a constituição e desenvolvimento de pessoas cegas, destaca a importância das relações sociais para a formação pessoal de cada um.

As ideias de Vigotski aparecem em trabalhos produzidos entre 1924 e 1931, que foram reunidos em uma publicação sob o título *Fundamentos de defectologia* (VYGOTSKY, 1989), denominação esta dada, na época, à ciência que se ocupava do “estudo das deficiências” e que focalizava os sistemas educativos e formativos dos sujeitos com alterações do desenvolvimento.

Em seus textos, o autor busca explicitar fundamentos científicos, metodológicos e sociais que reconhece serem pressupostos insubstituíveis para o trabalho com sujeitos que apresentam deficiências. Suas discussões, realizadas há mais de oitenta anos, têm, ainda hoje, uma atualidade notável. Ao refletir sobre o funcionamento da pessoa cega, Vigotski aprofunda algumas ideias importantes para pensar a educação.

Vigotski (VYGOTSKY, 1989) afirma que a cegueira não significa apenas a falta de visão (órgão dos sentidos), mas que também provoca uma grande reorganização da mente. No caso da escrita braille, mãos e cérebro entram em ação, e o braille passa a ser o instrumento que serve de mediação entre as pessoas cegas e os vários meios da cultura. Esse processo envolve a significação, ou seja, a transformação dos signos e instrumentos culturais veiculados nas relações intersubjetivas (entre sujeitos) em algo interno, intrassubjetivo (pessoal). Podemos dizer que o braille é um instrumento que incorpora o signo.

Em seus estudos sobre a pessoa cega, Vigotski (VYGOTSKY, 1989) aponta a importância do braille, afirmando que: “um ponto do alfabeto braille fez mais pelos cegos do que milhares de filantropos; a possibilidade de ler e escrever resulta mais importante que o ‘sexto sentido’ e a sutileza do tato e do ouvido” (p. 77).

Ele quis mostrar que o braille representou a possibilidade de o cego compensar a ausência de visão por meio de um novo caminho que lhe garante acesso ao conhecimento. Não se trata de substituir a falta de visão por outro sentido; o braille garante o ingresso do cego no mundo simbólico da leitura e da escrita.

O conceito de compensação é muito importante em sua obra. Para ele, a natureza sociopsicológica presente neste processo não pode ser ignorada, ou seja, a orientação para “a superação da deficiência através de sua compensação social, através da incorporação da experiência dos videntes, mediante a linguagem” (VYGOTSKY, 1989, p. 82).

---

<sup>3</sup> Há várias grafias para o nome de Vigotski. Neste artigo será usada a grafia “Vigotski” ao longo do texto, mas as referências às suas obras seguirão as grafias com as quais foram publicadas.

Com isso, Vigotski nega a ideia de uma compensação puramente biológica, em que o cego substitui a falta de um órgão do sentido por outro (visão pelo tato), e defende a noção de compensação social com destaque para a importância da linguagem e do signo. Para ele, a compensação é de natureza sociopsicológica e está atrelada à noção de caminhos alternativos, caminhos sociais.

A criança, o adolescente e o adulto cego poderão acionar mecanismos compensatórios para a superação das limitações a depender das condições que o meio ofereça-lhes e das mediações que estabeleçam com seus meios físico e social. A estrutura das formas complexas de comportamento surge quando um obstáculo impede o caminho direto.

No caso de pessoas com cegueira adquirida temos, além da deficiência, o acréscimo da perda e o significado que esta representa para a pessoa.

Em seus estudos sobre doenças e suas sequelas, Kovács (1997) traz contribuições importantes para pensarmos a perda de visão. Ela aponta para relevância de verificar em que momento ocorre a perda (deficiência) e quais recursos a pessoa utiliza para enfrentá-la, pois em cada fase do desenvolvimento há “aspectos críticos que serão afetados” (p. 95).

Lembra também que as deficiências adquiridas ligadas à perda podem ser associadas a “uma vivência de morte em vida” (p. 96). Segundo ela, “muitas doenças e suas sequelas, entre as quais as deficiências, podem se fazer acompanhar de dor. A dor pode ocupar todo o espaço vital” (p. 103).

Assim, considerar o significado da perda visual para os sujeitos com cegueira adquirida é importante para a compreensão de suas relações com o aprendizado do braille.

O depoimento de uma cega que perdeu sua visão na idade adulta ajuda-nos a compreender a situação complexa vivida ao enfrentar essa nova condição:

A assimilação do braille em minha experiência pessoal caracterizou-se por um movimento dúbio e hesitante de aproximação e recuo, impregnado de sentido de perda. Nasci com acuidade e campo visual reduzidos e utilizei recursos ópticos que me possibilitavam o reconhecimento de cores, imagens e objetos próximos dos olhos. Tratava-se de um resíduo visual mais ou menos estável durante a infância e a adolescência; este resíduo esvaiu-se progressivamente e de forma irreversível na idade adulta, apesar de minhas tentativas no sentido de preservá-lo. A perspectiva do braille, neste contexto, representou uma ameaça que pesava como chumbo, causava tensões, ansiedades e sentimentos ambivalentes. Era como se fosse um veredito, um atestado, uma rendição definitiva ao estado de cegueira, aquela cegueira anunciada contra a qual lutei até a inevitável derrota. (SÁ, 2001).

Este depoimento sugere que a pessoa com cegueira adquirida, que aprendeu a leitura e a escrita à tinta e teve contato com o mundo por meio da visão, vive uma situação complexa quando se depara com a nova condição. Há uma mudança brusca na imagem que faz de si mesma, e a situação exige adaptação, investimento e esforço para buscar novas formas de relacionamento.

Diante disso, pergunta-se: o que significa, para as pessoas com cegueira adquirida, enfrentar a mudança do ver para o não ver? Como avaliam a possibilidade de aprender braille? Que dificuldades e/ou benefícios sentem ao ter acesso a esse recurso?

Para responder a essas perguntas, foram colhidos depoimentos orais de sujeitos cegos a fim de conhecer suas histórias e avaliações sobre os próprios sentimentos e ações com relação ao processo de perda visual e aprendizagem do braille.

O estudo constituiu-se da análise de depoimentos de doze cegos<sup>4</sup>, com idades entre 15 e 67 anos. Destes, nove têm cegueira adquirida e três têm baixa visão adquirida, embora estes últimos sejam considerados pedagogicamente cegos, porque seu resíduo visual não é suficiente para que leiam e escrevam em tinta. Todos fazem parte de um programa de reabilitação para aprendizagem do braille – Programa de Adolescentes e Adultos com Deficiência Visual – de um centro de reabilitação localizado no interior do estado de São Paulo. Todos foram alfabetizados em tinta.

Os depoimentos foram todos gravados e posteriormente transcritos. O principal interesse do estudo era conhecer as histórias, sentimentos e ações dos cegos com relação ao processo de perda visual e aprendizagem do braille.

A fim de buscar respostas para os questionamentos iniciais, foram consideradas as percepções que os sujeitos com cegueira adquirida tinham sobre o braille, bem como as auto-percepções consolidadas pelos outros, reveladas nos depoimentos dos cegos, o que auxiliou na definição de dois eixos de análise: 1) a perda de visão – lutar quando tudo parece adverso; 2) aprender braille – difícil para uns, menos difícil para outros, fácil para ninguém. A história de vida revela a constituição de cada um. Optou-se por conhecer a realidade dos sujeitos, pois a história de cada um é única.

## **A PERDA DE VISÃO: LUTAR QUANDO TUDO PARECE ADVERSO**

Enfrentar a perda da visão foi um grande desafio para todos os participantes com cegueira adquirida, pois, diferentemente dos cegos congênitos, que aprenderam a significar o mundo e suas coisas desde o princípio sem os enxergar, as pessoas com cegueira adquirida precisaram adaptar-se a uma nova forma de relacionar-se e de significar o mundo após a perda de visão. Geraldo e Eleonora definem como “depressão” o estado por eles vivenciado em um primeiro momento de enfrentamento da perda visual:

Eu fiquei depressivo porque eu achava assim: o que vai ser de mim? Não posso trabalhar, não posso ler, não posso casar, ter uma família. Como eu vou trabalhar? Como vou viver? Como vou trabalhar se não enxergo? (Geraldo, 48 anos).

Então, como eu perdi a visão, tive um pouco de depressão. E esse negócio de ficar andando de braço dado com um ou com outro, isso até me corroía por dentro. (Eleonora, 41 anos).

Eleonora revela que perder a independência foi algo difícil para ela, e o uso da bengala parece ter significado um atestado de cegueira. No início, ela não queria usá-la.

Mesma coisa é o uso da bengala; eu uso a bengala. Eu sei que eu tenho um pouco de resíduo visual, mas não é o suficiente para eu andar sozinha, então eu uso o restinho da visão e a bengala. No começo, eu não queria aceitar. Foi muito difícil aceitar, mas depois que eu vi que ela me possibilitou ir e vir... nossa, muita facilidade... eu não consigo mais viver sem ela [bengala]. (Eleonora, 41 anos).

<sup>4</sup> Os nomes dos sujeitos cegos são fictícios para preservar suas identidades.

O caminho percorrido do enfrentamento à aceitação da perda varia de um sujeito para outro e depende das experiências e dos apoios recebidos. Os depoimentos mostram que o processo de aceitação pode ser longo.

Foi muito difícil. No começo, foi muito difícil porque eu tinha minha filha para cuidar, então foi muito difícil. Aí minha mãe veio ficar comigo; minha mãe ficou comigo um ano para me ajudar, até eu descobrir [este lugar], fazer os cursos... fui me adaptando. Mas, até hoje, ainda não é fácil, principalmente a aceitação de que a gente enxergava e agora está numa situação que não está mais enxergando. Complicada, a vida. (Letícia, 33 anos).

A minha perda visual, no começo, foi difícil porque eu não queria aceitar. Você está bonzinho e, de repente, está dependendo dos outros... daí você não quer aceitar. A minha família me deu muito apoio e ainda dá. Passei pelo psicólogo aqui [pausa com suspiro]. A vida continua. (Fabrício, 41 anos).

A perda visual, para mim, foi bem difícil, porque no começo é difícil se conformar. Eu pensava: “poxa, eu estudei, eu queria ter um emprego, um serviço melhor, usar o que aprendi [...] Eu estudei, mas, para mim, não serve de nada”. Eu falava desse jeito, sabe. Hoje eu penso diferente porque eu falo: “Ah, eu estudei, pelo menos... foi um sonho que a gente realizou, mesmo que a gente não [tenha] um emprego” [...] Assim, eu tenho aqueles bons momentos que eu consegui. Fui lutando e consegui. (Antonia, 39 anos).

E aí ele explicou que eu não podia ter deixado porque tem um tempo da catarata que não pode estar verde nem muito assim passado do prazo que ia determinar aquela cirurgia e acabou acontecendo que eu acabei perdendo a visão. Depois ele ainda falou para a S. [filha]: “S., por que você não recorreu lá com a gente? Eu ia dar um jeito lá no hospital, no convênio... Vai ser uma perda da visão e vai ser muito difícil para ela conviver”. Porque foi mesmo uma mudança muito grande. Agora até que eu estou melhor. Graças a Deus, me conformei mais. (Janete, 67 anos).

A perda da visão foi algo também muito difícil para os participantes mais jovens.

Minha perda visual, para mim, foi uma coisa muito chocante, muito triste, foi a pior coisa que aconteceu na minha vida, porque eu não imaginaria que pudesse chegar a esse ponto, sabe. (Jeane, 16 anos).

Foi ruim saber que estava perdendo parte da minha visão; quer dizer, eu sei que tenho um problema, que eu já tinha [perdido] uma parte da minha visão, que tinha pegado o problema. É ruim você saber que, com o tempo, [vai perder] a visão. Eu não sei explicar para você, mas acho isso ruim, porque, conforme vai se dando o tempo, a gente acredita que ele não vai evoluir. (Fabíola, 17 anos).

No começo foi difícil, mas depois fui me readaptando, fui aprendendo a viver com essa visão que agora eu tenho. (Daniel, 18 anos).

Estes achados confirmam as análises de Santos (2004) sobre a aceitação e o enfrentamento da cegueira na idade adulta. Para a autora:

o processo de aceitação e de enfrentamento da cegueira adquirida na idade adulta não pode ser descrito de forma homogênea. As pessoas não são iguais e apresentam características próprias que as fazem reagir de modo diferente diante das inúmeras situações da vida. (SANTOS, 2004, p. 121).

De maneira geral, os depoimentos revelaram que a mudança do ver para o não ver foi um grande desafio para todos. Precisaram adaptar-se a uma nova forma de relacionar-se com o mundo e com as coisas. As perdas principais apontadas foram: perda do trabalho que executavam que exigia acuidade visual; perda da independência e consequente aumento da dependência dos outros; o impedimento para dirigir; a impossibilidade de ler; as restrições na locomoção; o forte sentimento de incapacidade; o medo de não ser mais aceito pelos outros; o medo de não conseguir realizar algumas tarefas domésticas; a vergonha de usar bengala. Enfim, o sentimento de que algo foi interrompido e o medo do desconhecido.

Os depoimentos sobre a perda da visão corroboram o que foi apontado por Kovács (1997) sobre a relevância de se verificar em que momento acontece a deficiência e quais recursos a pessoa utiliza para enfrentá-la. Para a maioria dos adultos, a perda visual ocorreu durante a atividade de trabalho e, no caso dos adolescentes, ocorreu em uma fase em que estavam se afirmando no grupo social e frequentando a escola.

Segundo Vigotski (VYGOTSKY, 1989), com a perda da visão há uma reorganização da mente, e isso aparece nos depoimentos. O enfrentamento de cada um mostra os recursos que utilizaram para voltar à vida.

#### **APRENDER BRAILLE: DIFÍCIL PARA UNS, MENOS DIFÍCIL PARA OUTROS, FÁCIL PARA NINGUÉM**

Em relação ao sistema braille, os cegos revelaram que o aprendizado mais lento ou mais rápido do sistema varia a depender das possibilidades que vivenciam para enfrentamento da perda. Todos os participantes optaram por aprender a leitura e a escrita braille, mas mostram que existem diferenças de aceitação da cegueira, o que pode interferir diretamente no processo de aprendizagem do braille.

O que marcou positivamente a minha vida foi o nascimento da minha filha; foi o melhor presente que Deus me deu. E, negativamente, foi a perda da visão; foi a [coisa] mais pesada para mim, até mesmo [por ter que] parar de trabalhar. Porque eu nunca fiquei em casa e agora [tenho] que ficar [...] Para mim, é muito difícil até hoje. É muito difícil a aceitação, mas a gente está tentando aceitar. (Letícia, 33 anos).

Foi uma fase muito difícil da minha vida, está sendo ainda. Já estou bem mais adaptada, mas ainda está muito difícil, e então... [...] É, foi muito de repente o que aconteceu, então foi muito difícil a adaptação a esse problema visual que, para mim, foi assim, sabe, uma... uma situação difícil, [...] foi muito difícil mesmo. Hoje, graças a Deus, e graças [ao centro de reabilitação], que também me ajudou bastante, eu... não superei, mas estou [...] me adaptando cada dia mais um pouquinho... E espero que ainda eu fique melhor. (Cecília, 65 anos).

Eu fiquei um ano sem sair de casa. Eu comecei a sair de casa depois que eu vim aqui. Eu me isolei um pouco; fiquei isolado porque a gente não quer aceitar, mas tem que aceitar. (Juca, 50 anos).

Quando eu comecei a fazer o braille, achei que era difícil e que não ia conseguir aprender. Quando peguei o gira-braille na mão, achei que não teria condições de fazer aquilo, não, mas eu sou uma pessoa que não desiste. Aí me esforcei e estou aprendendo. Dificuldade é você tentar descobrir os pontinhos. Tem muitas letras que, às vezes, você passa o dedo e parece que é tudo a mesma coisa. O braille é um meio [pausa longa] de você estudar, ler alguma coisa, sem depender... tipo, você tem um remédio e quer saber o nome, não precisa de uma outra pessoa chegar para dizer que remédio é aquele. Pratico pouco o braille, sou meio preguiçoso para ler. Hoje

leio bem o braille e escrevo bem, mas pratico pouco. Quando comecei, me dediquei bastante. Aí pronto. (Fabrício, 41 anos).

Alguns depoimentos revelam que os cegos sonham com outras possibilidades além do braille, porque inicialmente sentem uma grande dificuldade para aprender. Eleonora, por exemplo, diz que:

O braille não deixou de ser importante, porém também não é o número um da lista mais, porque eu tenho outras opções também para conhecer o mundo. Eu estava num momento de muito desespero naquela época, então o que eu quero dizer é que eu não vou deixar o braille. Eu tenho dificuldades nele agora porque, no começo, quando era só o alfabeto, coisa simples, estava bem mais fácil mesmo. Só que agora eu estou num período mais difícil, que é a leitura. (Eleonora, 41 anos).

Mas, mesmo com essas dificuldades, observa-se que a maioria opta por aprender o braille, seja porque gosta de ler, seja pelo desafio, seja pela curiosidade ou ainda pela busca de uma melhor qualidade de vida.

Para mim, a dificuldade, no momento, está sendo ler, mas eu sei que eu vou conseguir ler. Eu acho que o braille vai ser muito bom aprender... por tudo... porque a gente lê: uma caixinha de remédio, a gente lê as coisas no mercado (que a maioria das coisas têm em braille), ou mesmo quando a gente vai ao restaurante, que geralmente tem [cardápio braille]. A gente vai até poder ler um livro, que eu gostava muito [...] e agora não [posso]. Então eu acho que vai ser muito bom. A dificuldade que [sinto], por enquanto, é ler, mas isso aí a gente vai aprender. (Letícia, 33 anos).

Como revelam Elton e Juca, as dificuldades podem ser superadas se houver um esforço inicial:

A dificuldade é só de memorizar mesmo. E os benefícios você vai poder ver, vai poder ler, ler um jornal, ler alguma coisa. Você não fica tão dependente, você não precisa de uma pessoa para ler pra você, apesar de não ter muitas coisas em braille hoje em dia. (Elton, 29 anos).

Eu não tinha muita noção. Eu achava que era mais complicado, mas não é tão complicado assim. Se você prestar atenção, dá para você memorizar bastante coisa [...] Não sinto muita dificuldade, mas eu me perco. A primeira linha está... Insisti na primeira linha e agora eu estou insistindo na segunda, essa é a dificuldade. Agora, os benefícios... vai me ajudar na hora que eu for num hotel, num restaurante... tem que ajudar. (Juca, 50 anos).

Os depoimentos mostraram que as dificuldades para aprender a ler e escrever em braille são diversas. Cecília considera que a dificuldade é porque o braille é algo novo e muito diferente. Em seu dizer:

As dificuldades... ah porque é uma coisa muito nova para mim. Foi tudo muito diferente. Eu nunca tinha pensado em precisar usar o braille, então, [...] para mim foi diferente [...] Está sendo difícil por esse motivo. Quando acontece de perder a visão como eu, assim [...] muito de repente... eu não estava preparada para isso [...] Está sendo bem difícil para mim o braille, mas eu vou conseguir, eu vou chegar lá. (Cecília, 65 anos).

Outros depoimentos revelam aspectos do sistema que, para eles, foi, ou é, aquilo que mais dificulta a aprendizagem:

As dificuldades? [...] Não sei te explicar... assim, sei lá... junta um pouquinho de dificuldade, um pouquinho de desânimo, sei lá. Às vezes a gente quer desistir porque tem bastante dificuldade, mas acho que dificuldade, dificuldade, não tem muito, porque a gente precisa, quer muito aprender. Então dificuldade eu não achei [tanta] assim não. (Jeane, 16 anos)

Bom, dificuldade é mais isso, eu tentar ler em casa e ser complicado. (Fabiola, 17 anos).

Eu estou tendo umas dificuldades nas letras acentuadas e, às vezes, nas pontuações. A leitura, às vezes, é mais fácil porque, que nem o til, tem palavra que a gente lê mais fácil. Para escrever é mais difícil. Às vezes eu leio e não consigo lembrar o que eu já li. (Antonia, 39 anos).

A dificuldade é a memorização. Eu vou praticar mais, forçando a me ajudar na memória. Para mim está sendo muito importante, porque as chances que estou tendo aqui para eu retornar a aprender um pouco mais do que eu já tinha... Eu andava meio perdida, então para mim é muito importante. É a parte mais importante de todas as atividades que eu estou fazendo aqui. Todas são importantes, mas o braille é mais [...] Quando eu perdi a visão, achei que “pronto, agora minhas chances acabaram”. Aprender um pouco mais, pegar alguma coisa e fazer, pegar alguma coisa e ler, mas tendo ajuda aqui... Ontem mesmo, em casa, eu sozinha tentei fazer, tentei escrever um pouco, tentei fazer conta. Quando eu estava na escola, o que eu mais gostava era de matemática... Uns tempos atrás [em casa] eles ficavam lá fazendo conta no lápis e eu fazia a conta de cabeça e dava certinho. Então eu penso assim: os dois são importantes [a leitura e a escrita]; os dois não, os três: ler, escrever e fazer conta. (Janete, 67 anos).

Para Vigotski, o signo é apropriado pelo sujeito em sua significação. O signo transforma a ação do sujeito e do outro. O braille é um instrumento que incorpora o signo e, portanto, transforma a ação do sujeito cego e a dos outros à sua volta.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O braille é importantíssimo, tanto para pessoas cegas congênicas como para pessoas com cegueira adquirida. É por meio da leitura e escrita braille que a pessoa cega tem acesso à ortografia; ela propicia uma continuidade do conhecimento da língua. É por meio da leitura braille que a pessoa cega tem acesso à informação em catálogos, cardápios, embalagens etc. Assim, o braille propicia um ganho de comunicação e instrumental.

Saber ler significa mais que ler palavras: significa ler ideias. Saber escrever significa mais que escrever palavras: significa escrever ideias. Isso implica uma atividade do cérebro no qual acontecem sinapses que ajudam a formar o pensamento. Portanto, a aquisição da escrita tem um papel enorme nas funções psicológicas superiores.

No caso do braille, o ato de escrever é mais fácil, no sentido de ser mais rápido do que a leitura, porque, para ler, é preciso memorizar o alfabeto, letras acentuadas, pontuações, sinais etc. e é preciso praticar a leitura por conta do tato, e isso leva mais tempo que o ato de escrever. Mas é claro que o escrever é mais difícil, porque engloba não só o ato de escrever, mas escrever ideias.

Os depoimentos únicos de cada sujeito pesquisado, sem importar se estão no início



do aprendizado ou se já leem e escrevem em braille, bem como a observação e identificação das dificuldades durante o aprendizado do sistema, sugerem que é possível aprender o braille e que o domínio da leitura e da escrita tem a ver com empoderamento. Isso significa desenvolver um sentimento de pertença em que o indivíduo percebe-se dentro de um espaço urbano ou social e sente-se um ser importante nesse espaço. Portanto, sentir-se pertencente dentro de um espaço é ter consciência do que é cidadania; é ir à luta pelo direito à leitura e escrita braille, ao lazer e à cultura.

Quando a cegueira acontece na fase da adolescência e, principalmente, na fase adulta, a inserção social fica comprometida. Geralmente estes indivíduos isolam-se ou não se sentem bem em sair e relacionar-se com os outros; às vezes os outros não sabem lidar com a deficiência e afastam-se. Quando participam da reabilitação, começam a sair, a relacionar-se, a lutar por direitos à educação, lazer e cultura. O aprendizado da leitura e escrita braille, para muitos dos entrevistados, foi um desafio, pois achavam que era difícil e que não iriam aprender, mas, conforme o aprendizado acontece, conscientizam-se de que é possível, e é gratificante aprender algo que se julgou impossível. Embora os entrevistados passem, ou tenham passado, por dificuldades durante o processo de aprendizagem da leitura e escrita braille, seus depoimentos comprovam os benefícios pessoais e sociais.

É claro que depende de como cada um consegue enfrentar essa nova condição e dos resultados de seus esforços na vida diária. Aqueles que encontram espaço para praticar o braille em outros contextos – em casa, por exemplo – aprendem mais rapidamente.

A maioria dos cegos que participaram deste estudo achava que aprender o braille fosse difícil, mas todos eles optaram por aprender pelos mais variados motivos: desafio, comunicação, independência, ler livros, curiosidade etc. Isso demonstra a busca por uma melhoria na qualidade de vida.

Nos depoimentos ficou claro que é preciso pensar a educação de pessoas com cegueira adquirida, pois a dor da perda e a aceitação podem representar um processo longo, que pode interferir na aprendizagem da leitura e escrita braille.

Depois de todos esses relatos sobre dificuldades e/ou benefícios na aprendizagem do braille, constatamos que praticar é essencial, principalmente durante a aprendizagem. Quando isso não ocorre, é maior a tendência ao esquecimento e os problemas na identificação dos pontos.

Nesses relatos, constatou-se a importância da reflexão sobre a educação de pessoas cegas, inclusive as que perderam a visão na juventude ou na fase adulta (quer estejam estudando, pretendam voltar a estudar ou mesmo não queiram mais). Saber ler e escrever em braille é ter autonomia e independência.

Compreender os sentimentos vividos por cegos com cegueira adquirida poderá ajudar o professor a atender às peculiaridades educacionais deste grupo de alunos, garantindo o acesso aos recursos necessários para seu pleno desenvolvimento, e auxiliar na construção de políticas públicas no que se refere à produção de livros e materiais em braille.

**REFERÊNCIAS**

- BATISTA, C. G. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 1, p. 7-15, jan.-abr. 2005.
- KOVÁCS, M. J. Deficiência adquirida e qualidade de vida: possibilidades de intervenção psicológica. In: MASINI, E. A. F. S. et al. (Orgs.). **Deficiência: alternativas de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- LAPLANE, A. L. F.; BATISTA, C. G. Um estudo das concepções de professores de ensino fundamental e médio sobre a aquisição de conceitos, aprendizagem e deficiência visual [Resumo]. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 1., CICLO DE ESTUDOS SOBRE DEFICIÊNCIA MENTAL, 9., 2003, São Carlos. *Anais...* São Carlos: s.ed., 2003. p. 14-15.
- MONTALEMBERT, H. de. *Um outro olhar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- NOWILL, D. ... *E eu venci assim mesmo*. São Paulo: Totalidade, 1996.
- OCHAITA, E.; ROSA, A. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Tradução de M. A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 183-197.
- PINO, A. Técnica e semiótica na era da informática. *Contrapontos*, Itajaí, v. 3, n. 2, p. 283-296, mai.-ago. 2003.
- PINO, A. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: PLACCO, V. M. N. de S. (Org.). *Psicologia & educação: revendo contribuições*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2007. p. 33-64.
- SÁ, E. D. de. A insustentável leveza do braille. In: SIMPÓSIO SOBRE O SISTEMA BRAILLE, 1., 2001, Salvador. *Anais...* Disponível em: <<http://saci.org.br/index.php?modulo=akemi&parametro=11117>>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- SANTOS, F. D. dos. *A aceitação e o enfrentamento da cegueira na fase adulta*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.
- SOUSA, J. B. *Aspectos comunicativos da percepção tátil: a escrita em relevo como mecanismo semiótico da cultura*. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo.
- SOUSA, J. B. O que percebemos quando não vemos? Relato de experiência. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 1, Rio de Janeiro, jan.-abr. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922009000100014>>. Acesso em: 5 set. 2012.
- VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.
- VYGOTSKY, L. S. *Fundamentos de defectología*. La Habana: Pueblo y Educación, 1989. (Obras Completas, tomo 5).
- VYGOTSKY, L. S. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Madrid: Visor, 1995. (Obras Escogidas, tomo 3).
- VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

---

Recebido em: 28 de março de 2016

Aceito em: 25 de junho de 2016